

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 592	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Paço Novo, entrada pela T. do Contorno, de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	26800	13900	5950	3120	5 DE JUNHO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	46000	23000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		

MORTE DE GERVASIO LOBATO



Gervasio Lobato

FALLECIDO EM 26 DE MAIO DE 1895

(Gravura do sr. C. Alberto)

(Cópia de uma photographia do Instituto Photographico)

A MORTE DE GERVASIO LOBATO



oi n'este mesmo jornal, ha mais de dois annos, que Gervasio Lobato, referindo-se a um trabalho meu, cujo exito seria enorme se pudessemos medil-o pelo hyperbolico desejo d'um coração amigo, me chamava *seu irmão querido*. E por isso, falando de Gervasio, hei de falar de mim, com quem o publico que me vae ler nada tem, e que tão mal venho occupar este lugar, tão brilhantemente d'elle por tantos annos.

Ardua herança me coube em sorte.

Hei de falar de mim, porque me falta um bocado da minha alma que elle me levou consigo, e o vacuo horrivel que me deixou hei de preencher-o com as queixas da minha saudade.

Durante quatro annos foram communs nossas alegrias tamanhas, communs nossos pequeninos desgostos. Hoje a alegria é só d'elle, do santo, e o meu desgosto não tenho a quem confial-o, tão longe d'elle!

Quando a dor é immensa, o espirito inquieto não a percebe logo em seu conjuncto. Vai pouco a pouco a memoria acordando saudades; sonhos confusos pñem nevoeiros funerios em volta dos corações, uma tristeza pesada como brumas de noite de inverno apaga toda a luz em nossas almas. Horas amargas em que quantos as soffreram poderiam achar consolo na serenidade d'aquelle espirito amigo, na alegria santa da sua alma, nas simples delicadezas de seu coração affectuoso. Tinha elle o segredo das phrases meigas que nos aqueciam, nos aconchegavam, nos abriam no rosto um sorriso de reconhecimento, os clarões d'uma esperança. As suas palavras eram calmantes como perfumes que se evolassem do thuribulo santo de seu coração d'ouro.

Gervasio morreu e na dôr que nos deixou não pode consolar-nos já.

Era da sua superior bondade que dimanavam todas as qualidades que o tornaram tão querido entre os seus, tão amigo de seus amigos, tão benevolente em suas criticas, tão alegre em toda a sua obra.

Era feliz na vida. Quando juntava em volta da sua mesa de trabalho a familia, que adorava sobre tudo no mundo, mulher, filhas, cunhados, sobrinhos, e mais dois ou tres amigos dos que lhe eram mais caros, Gervasio achava-se contente. Não tinha outras ambições, não formava para o futuro castello em nuvens mais ridente. Que assim fosse para sempre, mais não queria. Achava se bem ali, n'aquella casa de artista remediado, que sustentava com o seu trabalho, só com elle, trabalho arduo, de todos os dias, trabalho sem descanso que lhe trazia na vida a felicidade e que afinal lhe trouxe a morte, para elle, tão christão, talvez premio da sua vida.

Gervasio morreu. A tunica alvinitente da sua alma não levava um rasgão aberto n'um momento de desespero, não a manchava um remorso. Simples nos seus ideaes, honrado em toda a sua vida, peito que se abria a todos os perdões, nunca uma angustia, uma vergonha, um odio, vieram com seus dedos de ferro manter-lhe abertas as palpebras nas trevas d'uma noite enorme, esfacelar-lhe como a folha secca o coração, fazer-lhe correr pelas faces lagrimas de fel que requeimam.

A alegria estava n'elle como a luz n'um astro. Essa alegria é um dom de Deus. Muita vez faz rir a ironia que morde; a miseria, as trações, as desgraças fazem rir. O coveiro no Hamlet philosophando, Triboulet ajeitado procurando a filha, Alceste com a sua mysanthropia, o cavalheiresco D. Quixote, o mais puro de todos os santos criados pela fantasia humana, a cavallo no Rossinante, batendo-se contra moinhos, escancaram-nos as bocas em gargalhadas amargas, que fazem doer. Risos ao pé das lagrimas. A vida.

Não era assim que Gervasio fazia rir. A alegria da sua alma, a alegria da sua vida, a alegria exuberante, era essa que elle entornava caudalosamente na conversação, em cartas, em artigos, em romances, nas comédias, nas operas comicas, em toda a sua obra, nos livros, nos jornaes e no theatro. Os typos que elle criava eram francamente comicos, as situações em que os embrialhava fantásticamente alegres, os desfechos das suas peças uma gargalhada que se prolongava, enquanto durava a lembrança.

A alegria d'elle era um dom de Deus e a sua obra foi bem dita. Por muitos annos ainda ha de fazer-nos rir, d'esse riso que é uma bençãam e que por momentos accende uma luz santa nas trevas d'uma alma que procura o esquecimento. Riso bem dito, que ha de subir ao céu como uma oração!

Tão santo foi que até nas horas tristes da doença, que o levou do leito, onde tanto soffreu, para a sepultura, onde enfim descança, não gemeu um só queixume, não teve um dito de impaciencia, não murmurou uma só phrase, d'onde se pudesse concluir que o martyrizava uma dor ou que o amedrontava a morte. Só teve palavras boas para os amigos, ditos graciosos, meiguices. Quando lhe custava a falar, estendia-nos as mãos, apertava as nossas entre as suas, afagando-as.

Foi no sabbado de manhã que a saude lhe fez a costumada visita. Já não deveria enganar ninguem; é a esperança quem nos engana. Ninguem vê, ninguem percebe que é a morte que está dentro d'elles e que misericordiosamente começa seu officio matando-lhes as dores, pobres doentes, que são sempre os primeiros enganados!

Gervasio adormecera durante perto d'uma hora com a cabeça sobre o hombro d'um dos seus amigos mais caros, seu companheiro de trabalhos no ministerio do reino, Caldeira Rebollo. Acordou descançado, contente. Perguntou-me:

—Que horas são?

Respondi-lhe:

—Quasi dia. Não ouves a tutinegra?

Gervasio apurou o ouvido, de todos os sentidos o que conservou mais vivo durante a doença.

Era uma tutinegra real que fizera o ninho mesmo ao pé de casa, n'um arbusto junto ao poço.

—E' uma tutinegra aquillo?

E sorria muito contente, ouvindo-a.

—Abre a janella, disse-me. Toda, toda... Abre as duas janellas.

N'esse momento sua cunhada entrou no quarto. Ja tivera noticias; sabia que passara melhor a noite; vinha contente, sorrindo-se. Elle, muito feliz, saudou a irmã, com o olhar muito alegre, olhando para a porta por onde ella entrara, para as janellas que davam sobre o jardim, hesitante, como não sabendo de que lado vinha a madrugada. Sua mulher, que os amigos de Gervasio obrigaram, n'essa noite em que elle estava melhor, a descansar por momentos, cançada de tantas noites perdidas entrou no quarto pouco depois. Trazia-lhe uma medalha. Gervasio pegou n'ella, olhou-a pelos dois lados, depois devotamente beijou-a e olhou para mim a sorrir-se. E n'aquelle sorriso dizia tanto!

Havia tanto reconhecimento para a crença devota da mulher, tanta fé n'aquelle beijo!

Foi preciso arranjar-lhe a cama. Carlos Ribeiro da Silva, sobrinho de Gervasio, mudou-o para o *chaise longue*. Foi uma balburdia na luz intensa e alegre d'aquella manhã de maio. Gervasio ria, mostrando as bolhas enormes que os sinapismos lhe haviam feito e chamava aquillo a sua desgraça. E nós cheios de esperança!...

De repente voltou-se para Caldeira Rebollo.

—Parabens.

—Porquê? perguntou este admirado, mas muito sinceramente.

—Faz hoje annos a rainha de Inglaterra.

E era verdade, embora viessem tão fora de proposito a novidade e os parabens.

E como todos riamos, elle fazia:

—Schiu...!

Calava-se tudo á espera. Elle de ouvido a escuta. Depois muito baixinho, como se tivesse medo de interromper-a:

—A tutinegra!

O passarinho cantava no alto d'uma acacia, nos ultimos ramos baloiçados pelo vento da madrugada. Elle que vóa sempre tão baixo, que tão baixo faz o ninho, parece ter escolhido aquelle sitio para que o ouvissem melhor.

Passou assim alegre toda essa manhã, fazendo projectos de trabalho, um pouco preocupado pela falta de dinheiro, que não tinha mais que para dois ou tres dias. Falou-me no *Channignot*, cuja traducção deveria ser representada pela companhia do Taveira no Rio de Janeiro, no romance historico cujo assumpto ainda não escolhera, nos arranjos a fazer no *Cocó*, *Reineta* e *Facada* para tornar viavel a peça.

E o seu castello de felicidade continuava de pé, pobre Gervasio!

Poucas horas depois, n'aquelle mesmo sitio em que tanto sonhára, armava-se a camara ardente. No caixão cheio de flôres viçosas de lagrimas Gervasio dormia. O rosto que a doença transtornára, fazendo-lhe descahir as faces, embranquecendo-lhe as barbas, amortecendo-lhe os olhos, vincando-lhe rugas dolorosas aos cantos da bocca, tomara aquella expressão de santa serenidade que

nos faz crer que a morte é um bem, longe de ser um castigo. Sob o longo bigode grisalho a bocca sorria; os olhos entreabertos tinham um olhar dulcissimo.

As vélas crepitavam d'um lado e outro do crucifixo ante que elle tanta vez ajoelhara e, na paz augusta d'aquelle silencio que rodeia a morte, ouviam-se, ao longe, cá em baixo, os rumores da cidade, que lhe a elle devia tantas horas alegres.

Foi amanhecendo pouco a pouco, mas a tutinegra não cantou n'essa manhã.

A Piedade, a mais pequenina das filhas do Gervasio, veio brincar para o jardim. Olhava pasmada para todos que estavam chorando e dizia afflicta:

—Porque estão aquellas janellas abertas? Fechem-as, que o papá está doente.

Não está, filha. Prouvera a Deus que estivessemos como elle.

João da Camara.

GERVASIO LOBATO

Ha dezesseis annos partia para Paris Guilherme de Azevedo a tomar o lugar de correspondente da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, e a satisfazer o seu grande desejo de conhecer de perto a Babilonia dos tempos modernos.

Guilherme de Azevedo, que com tanta originalidade inaugurára n'este periodico a *Chronica Occidental*, deixava a substitui-lo — Gervasio Lobato, seu amigo e seu collega na redacção do *Diario da Manhã*.

Eu conhecia Gervasio Lobato muito superficialmente. Fôramos vizinhos da mesma freguezia, morando elle na travessa do Pombal e eu na rua de S. Marçal, e uma vez por outra nos encontramos á noite em palestra na loja do Vicente do chá, defronte da Escola Polytechnica.

Elle tinha os seus dezoito annos e toda a alegria da mocidade e da vida airada, sem cuidados, em quanto eu era o pae velho, apesar de só contar mais seis primaveras que elle, mas que me pesavam com os encargos de familia que tinha, que me não deixavam tempo para pandegas, embora me sobrasse a vontade. Foi por isto que as nossas relações se não estreitaram então, e ainda menos quando mudei de bairro, chegando quasi a perdermo-nos de vista.

Estava, porém, escripto, que nos haviamos de approximar, mais tempo menos tempo, para só nos separar a morte, a d'elle, que se apartou, deixando-nos o coração retalhado de saudades.

Foram dezesseis annos de boa amizade, de relações constantes, sem que o mais leve incidente as perturbasse, sempre na melhor harmonia, comprehendendo-nos perfeitamente n'esta ardua tarefa de fazer um periodico, sem nunca crearmos difficuldades um ao outro, encontrando n'elle ao fim d'esse lapso de tempo a mesma boa vontade e interesse pelo OCCIDENTE, o mesmo entusiasmo com que entrara para esta redacção.

Dizia-me uma vez, dando-me parte que tinha sido convidado para escrever umas chronicas para uma nova folha litteraria:

—Eu acceitei o convite, porque, apesar de ser uma folha litteraria, não é da mesma indole que o nosso OCCIDENTE, que eu nunca deixarei por cousa alguma d'este mundo.

E com isto elle affirmava quanta confiança tinha na amizade que nos ligava, não suspeitando sequer da possibilidade de qualquer desintelligencia que viesse perturbar as nossas boas relações.

E tinha razão, meu bom Gervasio. A nossa amizade nunca poderia estriar, alimentada e aquecida ao fogo brando do teu coração, ninho de todas as bondades, arca onde se guardavam os affectos mais puros, as qualidades mais peregrinas de um caracter de ouro.

Não foi, não, qualquer desintelligencia que nos separou, e te obrigado a deixar o OCCIDENTE, mas a nuvem negra da morte, que te envolveu e te levou das vistas de quantos te queriam.

O OCCIDENTE cá ficou, e com elle fiquei eu tambem, para cumprir hoje este doloroso dever de te enviar, querido amigo e companheiro, o ultimo adeus.

A vida de Gervasio Lobato foi uma vida do trabalho acima do vulgar.

A sua mocidade descuidosa passada na bohemia dos novos, entre os bastidores do theatro, que foi sempre a sua paixão, ou nas ceias alegres dos amigos, em que se contavam muitos dos que hoje occupam lugar distincto na republica das letras e que elle tantas vezes recordava em seus es-

criptos, resgatou-a usurariamente, com uma vida de trabalho e de dedicação pelos seus, fazendo da sua casa um templo, de que elle era o idolo adorado, porque a todos enchia de bens e de caricias, esposa, filhas e sobrinhos, tomando assim Gervasio Lobato, no seio da familia, as proporções dos antigos patriarchas.

Esta dissolução que hoje se nota nos laços da familia, não conseguira invadir o seu lar, e Gervasio conservava todas as boas tradições de viver de nossos avós.

Comprazia-se, nos dias de festa, em reunir á sua mesa a numerosa familia, a que juntava os seus amigos mais intimos, que eram muitos, porque não podiam deixar de o ser aquelles que de mais perto tratassem com elle.

Esses dias de festa eram, não só os de anniversarios da esposa, da sua Sara, da Mimi, da Piedade ou d'elle, mas de todos da familia christã, não escapando as noites de Santo Antonio, de S. João, e S. Pedro, que em todas ellas se queimava fogo no jardim da sua casa, para divertir a prole e os amigos que o procuravam, juntando á alegria das creanças n'estes folguedos, a alegria da sua grande alma, pura, de umas ingenuidades infantis, que toda a maldade d'este mundo não era capaz de entenebrececer, nem de fazer soltar um queixume sequer.

E se o fizesse não seria sem motivo, porque na sua vida deu-se um caso mysterioso que nunca se desvendou.

Gervasio era filho do sr. Gervasio Gonçalves Lobato, official maior da contadoria de marinha, homem que, na altura da sua gravidade, tinha para todos um sorriso caro e bom, e que não descurou o futuro da familia, juntando uma pequena fortuna, que seria o patrimonio de seus filhos.

O sr. Lobato morreu quasi de repente, sem testamento e sem mais herdeiros forçados que seus dois filhos: Gervasio e uma sua irmã.

E' certo, porem, que nem um nem outro herdaram de seu pae, senão a mobilia de casa; porque dinheiro ou papeis de credito, que deviam existir, não se encontraram nem nunca appareceram, por mais investigações e buscas que se fizeram, parecendo todavia que o fallecido tinha confiado esses valores, a alguém que se locupletou com elles.

E' extranho este caso, que bem podia contrariar a vida de um individuo; porem a Gervasio não se lhe azedou o animo com tal infelicidade, e o bom do moço raras vezes alludia em conversa ao facto, que apenas por momentos lhe entibiava o seu bom humor.

Alegre e sempre alegre, feliz entre os seus, E era d'essa alegria e d'essa felicidade que elle tirava os elementos do seu trabalho, que elle creava as suas comedias que faziam estalar de riso as plateias, os seus graciosos romances sua *Lisboa á Noite do Pimpão*, onde tinha sempre uma historietta comica para contar.

Quando um dia lhe morreu sua irmã, casada com o Carmo da livraria, e poucos tempos depois o proprio Carmo, deixando tres filhos orphãos e quasi sem recursos, foi elle buscar os sobrinhos para casa, cuidou d'elles, como pae, e desde aquelle dia contou, inesperadamente o seu lar, mais tres creanças para alimentar e educar.

Seria preciso redobrar de esforço no trabalho; que importava se a sua alma não tinha um remorso, e trabalharia assim mais satisfeito!

E trabalhou, e poucos terão auferido, n'este pobre meio das letras patrias, o que elle ganhou com a sua verve inexgotavel, enchendo o repertorio do theatro portuguez com os seus originaes e com as suas traducções, os jornaes com os seus artigos de critica e folhetins, e as empresas editoras com os seus romances, onde sobresahia sempre a nota comica, os typos grotescos e ridiculos, a sociedade observada através de um humorismo sem fel nem cynismo.

E é de ver que em toda a sua obra não transparece uma offensa para ninguem, uma allusão directa, uma carapuça, *d'esse officio brejeiro* de que fala Faustino Xavier de Novaes, uma liberdade de phrase que fira o ouvido ou faça cólar o pudor; e sem essas notas, de que alguns auctores por ahí tanto usam e abusam, arrancou francas gargalhadas ás plateias, e interessou o publico na leitura leve e desprezenciosa dos seus livros.

Cedo principiou Gervasio Lobato a sua vida litteraria: aos 15 annos, na *Voz Academica*, jornal de rapazes estudantes como elle: mas a sua inclinação era toda para o theatro, e não tardou que escrevesse a sua primeira comedia *Debaixo da mascara*, que foi representada no Gymnasio, em 1873.

Esta tendencia litteraria estava em opposição com os desejos de seu pae, que antes queria que o filho fosse um burocrata grave e methodico como elle, preparando-o para o alto functionalismo, unica coisa que podia satisfazer a justa ambição de um bom progenitor; nunca o rabiscar comedias ou jornaes que, segundo a sua opinião, não dava de comer a ninguem.

Modos de ver, no que, emfim, o pae Gervasio não deixava de ter certa razão.

Mas a inclinação era tudo, e se Gervasio Lobato não reconheceu logo quanto eram sensatos os conselhos paternaes, não tardou muito que a perda de seu pae o chamasse á realidade tendo que travar a tal lucta pela vida em que todos andamos empenhados.

Foi assim que, apesar das suas comedias e dos seus folhetins, elle sentiu a necessidade de arranjar um emprego; e a este proposito contava elle, com aquelle bom humor de toda a sua vida, uma entrevista que tivera com o duque de Saldanha, muito amigo de seu pae.

Saldanha era então ministro e recebeu-o com a amabilidade e bonhomia com que o marechal recebia toda a gente, tendo até para elle uns affectos semi-paternaes.

Gervasio aventurou o seu pedido, mas o marechal não lhe pôde satisfazer a modesta aspiração.

— Tenho muita pena, meu caro Gervasio, de não poder arranjar-lhe de prompto o que me pede, mas entretanto veja você se quer o habito de Christo, que se arranja já. Mando lavar o decreto.

E entre milhares de historias era esta uma das que elle contava.

Entretanto Gervasio não desanimou com as contrariedades da vida, e lá foi pelos theatros e pelo jornalismo seguindo a sua carreira litteraria, sendo dos mais felizes, mercê do seu talento e bello character e do seu espirito trabalhador, que só descansou no seio de Deus onde repousam os justos e bons.

* * *

E' importante a sua bagagem litteraria.

No theatro deixou as seguintes peças:

Originaes: *Rapto de um noivo*, em 1 acto, de collaboração com Maximiliano de Azevedo; *Debaixo da mascara*, 3 actos; *Grotescos*, 1 acto; *A Condessa Heloisa*, 1 acto; *Medicina de Balzac*, 3 actos; *Diz se*, 4 actos; *Sua Excellencia*, 3 actos; *Seguro de vidas*, 2 actos; *As medicas*, de collaboração com Fernando Caldeira, 4 actos; *A Burguesia*, 1 acto; *O Commissario de Policia*, 4 actos; *Em boa hora o diga*, 3 actos; *As noivas do Eneas*, 4 actos; *O Zé Patonso*, 1 acto, de collaboração com Lopes de Mendonça e D. João da Camara; *O tio Rufino*, *As manas Felgueiras*, *Os annos da menina*, *O ensaio da festa*, *O festim de Balthazar*, comedias todas em 1 acto; e de collaboração com D. João da Camara e musica de Cyriaco Cardoso, as operetas: *O Burro do sr. Alcaide*, *O solar dos Barrigas*, *Cocó*, *Reineta e Facada*, *O Testamento da velha* e *O Valete de Copas*, magica.

Traducções: *Tio Celestino*; *Mis Helyett*, *Kikirikokambo (Rei Coco)*, *Condecorado*, *A Doutora*, *Férias do casamento*, *Nitouché*, *Cocard e Bicoquet*, *Cossaca*, *Alfaiate de senhoras*, *Durand e Durand*, *Dr. João*, *O deputado de Bombignac*, *Homem da bomba (Les Boussigneul)*, *Tres mulheres para um marido*, *Rei de Ouros*, *Lili*, *Collegio de Meninas*, *Patifa da Primavera*, *Comboio de recreio*, *Mulheres Carraças*, *Sergio Pannini*, *Vida Infernal*, *Naná*, *Marido da debutante*, *Cerco ao tio*, *Não se deve dizer*, *Dinheiro do anão (La Cagnotte)*, *João Bundry*, *Filho de Coralha*, *Bigamo*, *Coupé 117*, *Radiante*, *Niniche*, *Cabeça de Vento (Tête de Linotte)*, *Idade ingrata*, *Rua da Paz 115*, *Mulher do Papá*, *Marido no campo*, *Sociedade onde a gente se abhorrece*, *Voz de Sangue*, *Armario das afflicções (Boite à Bibi)*, *Grande Casimira*, *Amigo dos diabos*, *Tres chapéus*, *Almas do outro mundo*, *Fernando o Felizardo*, *O primeiro marido de França*, *A gralha*, *O mestre de armas*, etc.

Romances originaes: *A comedia de Lisboa*, *A Primeira confessada*, *Lisboa em camisa*, *Os Invisíveis de Lisboa*, e *Os dramas de Africa*, de collaboração com Jayme Victor, *Os mysterios do Porto*, *A comedia do Theatro*, *O grande Circo*, e *Jack o Estripador*, de collaboração com Jayme Victor.

Collaborou nos seguintes jornaes: *Voz Academica*, *Braz Tizana*, *Gazeta de Portugal*, *Diario Popular*, *Gazeta Litteraria*, *Recreio*, *Jornal da Noite*, *Diario Illustrado*, *Pan*, *Progresso*, *Correio da Noite*, *Discussão*, que fundou com Pinheiro Chagas, e que depois foi *Diario da Manhã*, hoje *Correio da Manhã*, *Pimpão*, *Figaro*, *Contemporaneo*, *Jornal de Domingo*, *Seculo*, *Diario de Noticias*, *Reporter*, *Occidente* e muitos outros que não nos lembram.

Ultimamente trabalhava na traducção da peça franceza *Champagnol*, e preparava-se para escrever um romance historico para a empresa editora Mello de Azevedo & Comt.

E foi no meio d'estes trabalhos e planos, já minado pela doença, que a morte o arrebatou aos 45 annos de idade.

Gervasio Jorge Gonçalves Lobato, nasceu em Lisboa, a 23 de abril de 1850. Tinha o curso do Lyceu e o superior de letras. Era segundo official da secretaria do Reino e tinha o collar de official de Sant'Iago, que El-Rei D. Carlos lhe lançou ao pescoço, n'uma recita de caridade realizada no theatro de S. Carlos, para a qual Gervasio Lobato, escreveu o seu *Festim de Balthazar*, que foi representado pelos primeiros actores portuguezes.

Aquella noite foi uma das de maior gloria da sua vida, e parece-nos que a ultima em que os applausos o victoriaram na scena.

Agora que tenha as glorias da Eternidade, é o que mais lhe pôde desejar um coração amigo.

Caetano Alberto.

GERVASIO LOBATO

«A perda d'um amigo é a maior das perdas».

PUBLIO SYRO.

Que abalo me produziu a morte de Gervasio!... Um grande humorista e um grande amigo! Dramaturgo, romancista, cavaqueador insigne! foi o character mais são que encontrei na minha vida de jornalista.

Meu amigo a valer. Ah! nunca o esquecerei! Quer no *Diario da Manhã* como no *Correio da Manhã* tive e devo ter mais amigos; porem era elle que se referia sempre com palavras generosas aos meus trabalhos, era elle que os recommendava. Com uma vida constante de trabalho tinha sempre tempo para se occupar de mim... Grande alma! coração immenso!

Vão passados muitos annos, lembro-me porem como se fosse hontem: trabalhavam as *santas* agulhas ferrugentas, umas impeliavam-me contra Gervasio, outras atordoavam-no com phantasticas historietas contra mim. Não tinhamos sido apresentados, conheciamos-nos, mas não nos fallávamos. Foi este incidente da nossa vida litteraria que fez com que por fim nos conhecessemos pessoalmente.

Desde que nos fallámos ficámos amigos para vida e para morte; e, ha quasi dez annos, O Occidente tem tido sempre abertas para mim as suas columnas auxiliando-me profueamente, e Caetano Alberto não tem sido menos meu amigo do que o foi Gervasio Lobato.

Abençoadas *agulhas* que me fizeram conhecer dois grandes caracteres, duas grandes almas!

O que muitos devem de positivo a Gervasio não se pôde comparar ao que lhe devi moralmente. O seu exemplo ensinou-me a vêr friamente o egoismo e a maldade dos homens.

Foi sempre tão bom para mim! As extremas finezas e requintes de delicadeza de Gervasio para comigo não teem numero.

Tão prompto, como elle, na *ocasião incerta* nunca encontrarei.

Nunca tive amigo que estivesse sempre ao meu lado como Gervasio Lobato.

Ainda aqui, me resta Caetano Alberto.

Grande alma coração immenso!...

MANUEL BARRADAS

A NOSSA COLLABORAÇÃO

Quando nos convidaram, a mim e ao Gervasio, o David Corazzi e o José de Mello, para escrevermos um romance grande, em muitos volumes, *de sensação*, e rapidamente, confesso que ao mesmo tempo nos abalou a ambos uma duvida profunda. E se não conseguimos *riussir*? E se o Corazzi, tão amavel, tão confiado em nós, chegar a arrepende-se de ter confiado de mais!

Mas este era apenas um lado da questão. O mais serio, o mais grave para os nossos graves creditos litterarios, era outro. O que sahiria d'aqui? A responsabilidade que iam tomar sobre nós era tremenda. Tinhamos nada mais e nada menos que encaixar-nos na pelle de Terrail e de Montepin. E ser exclusivamente Montepin e Terrail para Portugal e para o Brazil affigurava-se-

nos empreza bem mais difficil do que se affigurou aos dois romancistas a conquista da celebridade em toda a Europa e em toda a America.

Outras pesadas considerações já nós as punhamos de parte. Que nos importava que a Poesia, o Drama, o Jornal, a Litteratura exigente, viessem em côro descarregar sobre as nossas cabeças imprecações e invectivas, por esta apostasia, por esta communhão no altar de S. Montépin e de S. Terrail, os santos por excellencia das meninas da Baixa e das criadilhas que aprenderam a lêr!

Consultámo-nos um ao outro, pesámos a nossa gravidade, medimos as nossas forças e no dia seguinte respondiamos ao esperançado editor: «Com mil vontades.»

Mãos á obra. E d'ahi em diante não nos largou a velleidade de adoptarmos esta divisa: «Chegar, ver e vencer.»

Já havia o plano e ainda não havia o titulo. O Corazzi estabelecera na sua casa editora, tão considerada em todo o paiz e fóra d'elle, o systema

lorja. Foi de Gervasio a ideia inicial. Jack o Estripador estava então em plena celebridade. Quem era esse fumoso assassino de mulheres? Pode dizer-se que o mundo inteiro tinha esta pergunta nos labios. E succediam se os *fascos* da policia de Londres!

«Não sabem quem é o Jack o Estripador? Pois sei-o eu e vou dizer á Inglaterra como é que se faz policia».

Communicou-me a sua ideia. Era excellente. Jack o Estripador era uma mulher. Mas se nós o dissessemos quem o acreditava! Havia de dizel-o, havia de divulgá-lo á Europa, um inglez *pur sang* um inglez authenticico. D'ahi o motivo porque appareceu á frente d'esse outro nosso romance em 5 volumes o nome de James Middleton tão authenticico que nunca existiu, tão inglez que era o nosso pseudonymo!

Depois... não houve mais romances, mas houve sempre da nossa parte a recordação da gentileza e seriedade que David Corazzi imprimia ás suas relações de editor, e da minha saudade não

go com as aguas medicinaes da Fonte Nova, para onde iam os partires, beneficiavamos o nosso rosto com aquella agua do céu em manhã de primavera.

Emquanto o comboio avançava rapidamente, devorando kilometros, com voracidade não inferior ao appetite que já sentiamos pelo almoço que nos esperava, iam pensando quanto os tempos mudam e o progresso transforma costumes e revoluciona a sciencia, estabelecendo theorias novas e dando até razão a outras que só viviam na imaginação de phantasistas, como Lesage quando creou o typo do dr. Sangrado, no seu *Gil Blaz de Santilhana*.

Sim, aquelle celebre dr. Sangrado, que tem feito rir as gerações, com o seu systema de curar todas as doenças com agua, já não é uma criação comica da imaginação de Lesage, mas o precursor da grande transformação por que havia de passar a therapeutica, que hoje encontra nas aguas o melhor remedio para todas as doenças, desde a Agua circassiana e Agua Florida, que nos rejuve-



ESTABELECIMENTO DAS AGUAS DA FONTE NOVA EM TORRES VEDRAS—INAUGURADO EM 23 DE MAIO DE 1895

(Copia de uma photographia do sr. Martinez Pozal)

de não começar a publicar um romance, sem ter em seu poder o plano geral. Ha eventualidades que é necessario prevenir, e tudo menos deixar de satisfazer com todos os leitores os compromissos tomados pelo editor. D'ahi estas previsões e cautellas.

Em 15 dias estava feito o plano e achado o titulo: *Os invisiveis de Lisboa*. O romance era publicado a fasciculos semanaes, constou de seis volumes, alguns com mais de quatrocentas paginas, e apesar de ser escripto *au jour le jour* foi sempre distribuido com uma regularidade inalteravel. O exito foi grande, no Brazil e em Portugal choviam assignantes, o editor ganhára algumas centenas de libras, e o Gervasio exultante, pensando logo em mettermos hombros a outra empreza do mesmo genero, dizia-me: *Le roi est mort Vive le roi!*

Vieram depois *Os Dramas de Africa*, cujo vasto plano, de Leite Bastos, estava por acabar em poder do Corazzi. Se eu lhes disser que nunca o lomos e que d'elle apenas aproveitámos alguns capitulos descriptivos, não falta a verdade. Sahiram cinco volumes dos *Dramas D'Africa*, mas manda ainda a verdade que lhes confesse que o exito não egualou o dos *Invisiveis*.

Logo no anno immediato novo romance na

se apagará nunca a lembrança d'esse convivio litterario, em que eu vi confirmadas as qualidades brilhantes de talento e de caracter que tornam puro e redivivo no espirito dos que o amaram o nome sempre chorado e sempre querido de Gervasio Lobato.

Lisboa, 4 de junho,

Jayme Victor.

VISITA A TORRES VEDRAS

INAUGURAÇÃO DAS AGUAS DA FONTE NOVA

Na quinta feira da Ascenção havia grande movimento de passageiros na gare do Rocio. Era Lisboa que se despojava para ir á espiga. O dia amanhecera com leves chuviscos, mas ninguem se importou com isso, pois a chuva de maio, segundo a velha crença, dá formosura, e haviam por lá muitas caras que a precisavam apanhar mesmo em cheio. Demais a festa era d'aguas e, portanto, a chuva cabia perfeitamente no programma, tanto mais sendo chuva de maio.

Assim, antes de beneficiarmos o nosso estoma-

nesce na apparencia, até ás aguas medicinaes, que nos restauram o organismo, livrando-nos da gotta, das dyspepsias, das herpes, das nephrites e de tantos outros males de que a pobre humanidade enférma.

Assim cada descoberta que hoje se faz de agua com qualidades medicinaes é o mesmo que descobrir um thesouro: para o proprietario, pelo rendimento que d'ellas póde tirar; para o publico pelos beneficios que lhe podem fazer aos seus achaques.

Conclusão: todos lucram, e até nós, com o bello passeio que demos a Torres Vedras, mercê do nosso prezado amigo Paula Cardoso que, em nome do sr. Antonio dos Santos Bernardes, proprietario das aguas da Fonte Nova, muito amavelmente nos convidou para assistirmos á inauguração do seu estabelecimento thermal.

E nada de mais agradável que um passeio através d'esses campos floridos, em manhã de plena primavera. Especialmente, quando passamos o tunnel da Sapataria, a paizagem é mais risonha, espriando-se a vista pelas collinas verdejantes, onde a vinha cuidadosamente disposta em extensos carreiros, bem alinhados e divididos, listra as encostas de um verde tenro, que contrasta com

os esbeltos salgueiros e choupaes que orlam o Sisandro e povoam os campos vizinhos.

A paisagem é tudo que ha de mais fresco e risonho, e é sob esta deliciosa impressão que entramos em Torres Vedras, ao som do hymno da Carta, que Deus haja, tocado por duas philarmonicas, e dos foguetes a estalar no ar, uma verdadeira festa, com que a comissão dos festejos recebia os representantes da imprensa e alguns medicos de Lisboa que alli iam assistir á inauguração das Aguas da Fonte Nova.

A estação é ás portas da Villa, e sahindo d'ella, entra-se logo na grande Avenida Ignacio Casal Ribeiro, a meio da qual está o Hotel dos Cucos, onde Antonio Batalha Reis tinha preparado o lauto almoço que esperava os visitantes.

Um primor, este almoço; primor pelo *menu*, maior primor ainda pela pessoa que o dirigiu, fineza especial feita ao proprietario da Fonte Nova, de quem Batalha Reis é verdadeiro amigo.

Todos os commensaes, em numero superior a quarenta, fizeram as honras aos deliciosos pratos que Batalha Reis ia mandando para a mesa, e não foi sem razão que elle, ao ser aclamado por nós todos como festejado auctor de tão bons pitões nos felicitava tambem peio bom appetite com que tinhamos atacado o almoço.

Esta ovação explodia de envolta com as rolhas do *champagne*, entre os brindes que se trocavam ao amphitrião da festa, á prosperidade do concelho de Torres Vedras, alli representado pelo sr. Belford, presidente da camara, á auctoridade administrativa, á comissão dos festejos, ao sr. Ignacio Casal Ribeiro, á agricultura, á sciencia, á arte, á imprensa, ao povo



DR. ALEXANDRE BRAGA — FALLECIDO EM 9 DE MAIO DE 1895

(Copia de uma photographia dos srs. Fonseca & C.ª)

de Torres Vedras, um nunca acabar em fim de brindes, que prolongaram o almoço até depois da 1 hora da tarde.

E n'esta boa disposição de espirito e de esto-

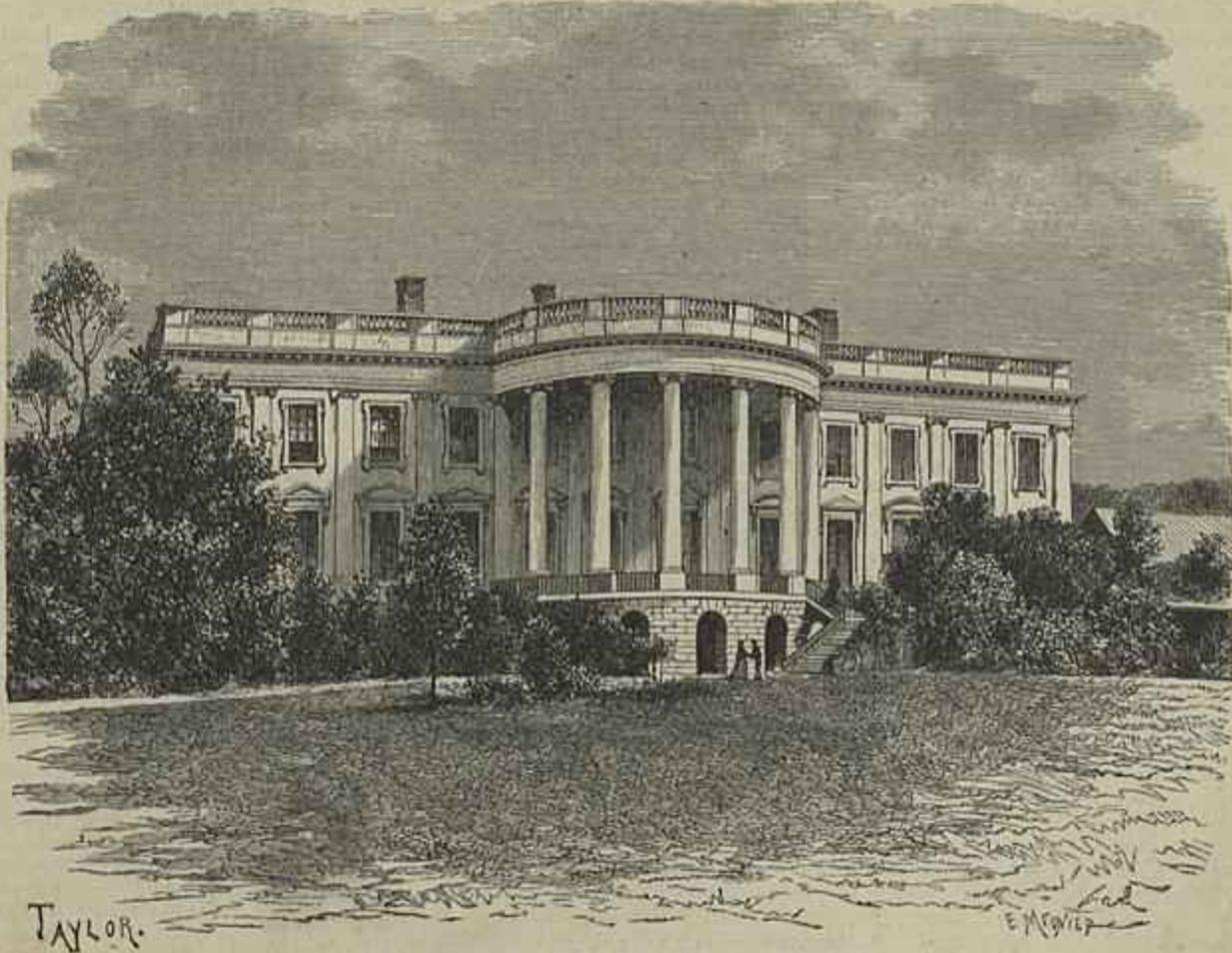
mago fomos assistir á cerimonia da inauguração do novo estabelecimento d'Aguas de Fonte Nova, estabelecimento situado na estrada districtal, logo adiante da igreja da Graça.

E' um bello edificio, como se pode ver na gravura que acompanha este artigo. Foi principiado em fevereiro d'este anno e concluido em quatro mezes, o que deixa a perder de vista a presteza com que se faz qualquer edificação do Estado.

O sr. Santos Bernardes era ha muito tempo o proprietario d'aquellas aguas, que teem andado vinculadas á sua familia, e porque a gente da terra e seus contornos as procuravam com interesse para a cura de muitos achaques, sempre com bons resultados, resolveu-se por fim a construir um estabelecimento apropriado e a dar maior publicidade ás virtudes d'estas aguas, depois do parecer altamente favoravel que sobre ellas deu Mr. Charles Lapierre, engenheiro professor de chimica industrial na Escola Industrial de Coimbra, membro da Sociedade Chimica de Paris, em resultado da analyse a que procedeu.

Este parecer foi corroborado pelos lentes da faculdade de Medicina de Coimbra, srs. drs. Julio de Sande Sacadura Botto, João Jacintho da Silva Correia e Daniel de Mattos, e ainda pelo sr. Manuel Antonio Moreira Junior, lente demonstrador da Escola Medica de Lisboa.

O edificio foi construido no proprio local da nascente, e assim, entrando a porta do elegante *chalet*, encontra-se uma escada por onde se desce, pela esquerda ou pela direita, para um salão, ao fundo do qual, e junto á parede, está a fonte com suas torneiras nikeladas, que uma ra-



O PALACIO NACIONAL DE WASHINGTON

pariga de 18 primaveras, n'um traje muito elegante, que nos faz lembrar uma aldeia da campina romana, abre e fecha para servir agua aos visitantes.

Aquellas aguas, servidas por umas empregadas tão garridas e tão pittorescamente formosas, devem necessariamente duplicar os seus efeitos salutarés, uma vez que a arte não foi esquecida, que é como quem diz: o util e o agradável.

E como esta, vimos mais empregadas, desde a que no *guichet* do estabelecimento estava fornecendo uns folhetos com a noticia e analyse das Aguas da Fonte Nova., até as que estavam engarrando as ditas aguas, em uma casa ao lado do salão da fonte.

Depois da cerimonia da inauguração, a que assistiram as auctoridades da Villa, incluindo o coadjutor da parochia de S. Pedro, que lançou a benção sobre a nova fonte, todos os assistentes beberam da agua da Fonte Nova, que por fim ficou franca ao publico.

Logo depois da benção e de se ter descoberto a fonte, o sr. dr. Ignacio Casal Ribeiro, n'um brilhante improviso, felicitou o sr. Antonio dos Santos Bernardes pela sua louvavel iniciativa de dotar a villa de Torres Vedras com um estabelecimento que tanto podia concorrer para a prosperidade d'aquella terra e donde o publico poderia tirar tão salutarés beneficios.

As palavras do sr. Casal Ribeiro foram recebidas com applauso de quantos alli estavam, e na fluencia e brilho com que falou, provou mais uma vez aquelle prologoio de que «filho de peixe sabe nadar».

O salão estava cheio de gente e pela escada, como em galeria, apinhavam-se formosas damas em elegantes toilettes que bem provavam ser Torres Vedras uma terra onde a moda não chega em ultimo lugar.

Não lhe damos os parabens por isso.

No jardim da entrada as philarmônicas repetiam com insistencia o hymno, e os foguetes estalavam lá nas alturas, que um sol esplendido illuminava.

O dia não podia estar mais agradável, convidando a passeio, e assim succedeu, pondo-nos todos em alegre romaria aos Cucos, depois da assignatura do auto de inauguração.

Uns carros, que não eram precisamente os do Jacintho, mas que se pareciam muito com os d'elle, conduziram toda a comitiva aos Cucos, que dista uns dois kilometros a E. N. E. da Villa.

E' um estabelecimento thermal de primeira ordem, construido ainda ha pouco, e que nos parece, foi inaugurado o anno passado.

Acompanhou-nos n'esta visita o sr. dr. Justino Freire, medico do estabelecimento, que nos mostrou e explicou minuciosamente e proficientemente todos os compartimentos do estabelecimento, onde se encontra toda a especie de banhos, até os de lamas que são quasi desconhecidos no paiz.

O edificio é vastissimo e possui tudo quanto a sciencia tem descoberto e applicado com respeito a banhos, pelo que o estabelecimento dos Cucos é o primeiro do paiz e talvez da Europa, sendo as suas aguas das mais preciosas conhecidas, no que emfim se evidencia quanto é rico aquelle concelho em aguas mineraes, encontrando-se tão proximas umas das outras e de qualidades tão diferentes, como as da Fonte Nova, cuja applicação leva em muitos casos grande vantagem ás dos Cucos.

Se no concelho de Torres Vedras não estivesse já em via de restauração a sua antiga riqueza vinicola, que a phylloxera devastou, quasi se poderia dizer que lhe restava a riqueza das suas aguas mineraes para o levantar da transitoria decadencia por que tem passado.

Mas a vinha lá está, muito mais poderosa que os baluartes da historica villa, que tambem foi córte de reis, e que as revoluções derruiram para não mais se levantarem.

Lá vimos bem de perto as famosas linhas que fizeram recuar Massena, o general das hostes napoleonicas, que invadiram a peninsula.

Mas se entrássemos em divagações historicas, não terminariamos tão cedo estas linhas, e chegaríamos até a esquecer as Aguas da Fonte Nova e o bello passeio que demos.

A's seis horas foi o jantar, que principiou por sopa á Fonte Nova, e a que se seguiram varios pratos em que houve *pescada sem cerimonia* e que terminou por *peru emborrachado*, não sabemos se para fazer fineza a alguma *perua* que por lá houvesse.

A alegria e animação era grande e os dicitos espirituosos esfoziavam de um lado ao outro da sala do hotel Natividade onde o jantar foi servido.

As saudes foram já feitas de pé, porque o comboio que nos devia trazer a Lisboa estava a chegar á estação.

E retirámos todos no meio de aclamações, ao som das musicas que nos seguiam, acompanhados por todos os commensaes do almoço e do jantar, e pelo sr. Antonio dos Santos Bernardes, que foi inexcusable em obsequiar os seus convidados.

Hoje, que recordamos a nossa visita a Torres Vedras, sentimo-nos ainda tão bem dispostos, que não podemos deixar, de attribuir este estado á influencia de alguns goles d'agua de Fonte Nova que alli tomámos.

O leitor se tem achaques e, como é natural, os quer desterrar de si, vá até Torres Vedras,—é um pulo,—fazer uso das aguas da Fonte Nova, que lá tem o sr. Reis Santos, medico do estabelecimento, para o consultar, e umas bellas cachopas arrebicadas, para lhe servirem a excellente agua, que promete dar cabo de quantas dyspepsias ha por esse mundo, e tudo isto por dois mil réis!

Um ovo por um real!

CAETANO ALBERTO.

DR. ALEXANDRE BRAGA

O fallecimento de Alexandre Braga já era esperado, pois que a molestia que vinha desde tempos minando a sua existencia, não permittia alimentar a menor esperanza do seu restabelecimento.

Todos contavam com o triste desenlace, mas, o que é verdade, é que poucos esperavam que elle fosse tão proximo.

Era uma das figuras mais insinuantes do Porto; quando passava todos se descobriam respeitosa-mente saudando um dos vultos mais proeminentes do fóro portuguez.

A sua palavra ardentissima, correcta, elegante e sempre eloquente, elevava-se em rendilhadoissimo estilo ás altas regiões das aguas. As inflexões da sua voz meliflua umas vezes e outras tão cavernosa que causava calafrios, eram como que complemento do orador que tem de arrancar do coração dos jurados a clemencia para os reus que defende.

Elle advogava com amor, por paixão. Quem o tivesse por patrono tinha quasi que certa a victoria.

Conhecia fundamente as leis e todos os artigos dos codigos estavam-lhe tão presentes como a qualquer de nós os dias da semana.

Era uma memoria privilegiada, e um talento muito superior e do mais fino quilate.

Aos 18 annos dera entrada na Universidade de Coimbra: isto foi em 1848. Dez annos depois (1858) estreitava-se no Porto na qualidade de advogado, exercendo, portanto, durante 37 annos a sua escabrosa profissão.

Em 1856 fundou o jornal *Clamor Publico* no qual collaboraram pennas distinctas da epocha taes como Camillo Castello Branco, Antonio Girão, Gomes Monteiro, Amorim Vianna, etc.

Tambem creou o *Novo Trovador*, onde, a sua imaginação inspirada de poeta dava azas ás mais encantadoras produções litterarias. Os seus versos eram um encanto de forma e de concepção.

Fallando do erudito extinto como homem, escrevia ha dias um dos seus biographos: «O seu coração era digno do seu privilegiado espirito. Alexandre Braga era uma alma generosa até a magnanimidade, e não se contam ahi mais numerosos e fervorosos admiradores do seu talento que do seu nobilissimo caracter.»

Citam-se muitos actos de generosidade e de abnegação. Por vezes deixou de ser o caudisico mercantil para, com a sua voz eloquente, ser o protector d'um homem irremediavelmente perdido.

Salvar um desgraçado era para elle uma gloria e com esse nobilissimo fim, sem mira no minimo interesse, envergára muitas vezes a sua toga.

Convidado para accusar recusava-se em geral: o seu posto era de defensor e não de accusador. Accusar humilha; defender elevava o seu caracter alevantado.

E bem triste d'aquelles que tem por profissão accusar indistinctamente criminosos e innocentes!

Na ultima causa crime em que elle era advogado de defeza, não poude comparecer nas audiencias. O seu estado já era grave.

Alexandre Braga fôra um liberal convicto de ideias avançadas. O seu partido soffreu uma grande perda, pois o seu nome era dos que figurava sempre em primeiro lugar na lista, como merecia.

Discursou em varios comicios e quando se sabia que Alexandre Braga ia fallar, todos disputavam um lugar para ouvir a sua voz colorida e encantadora como o doce gorgeio dos passaritos ao

alvorecer da primavera. Era o poeta e o profundo pensador que fallava. Arrastava consigo as grandes massas e enlevava em extasis os homens de saber. Todos o applaudiam com o mesmo phrenesi e com a mesma espontaneidade. Os seus recursos eram inexgotaveis, e, quando se imaginava que o discurso estava a concluir, mal havia finalizado o exordio.

Mas não fatigava o auditorio porque elle conhecia fundamente os segredos da arte do orador.

Vivia concentradamente entre os seus amigos mais intimos e a familia que o idolatrava. A morte de Guilherme Braga, o seu dilectissimo irmão que escrevera as *Heras e Violetas* e o *Bispo*, de tão celebre ruido, conturbára lhe immenso a alma.

Ha muitos annos que o notavel advogado não era visto a não ser no seu escriptorio, no tribunal de S. João Novo, ou ás tardes, fumando um charuto, n'um dos sitios mais solitarios e reconditos do Palacio de Crystal em cavaqueira familiar com diversos amigos inseparaveis nos seus curtos passeios.

Estava de todo desprendido das cousas mundanas.

Falleceu a 9 de maio.

O Occidente apresenta o retrato do dr. Alexandre Braga e aquelles que só o vão conhecer depois de morto, poderão delectar na sua phisionomia a belleza da sua alma. Aquella fronte rasgada e ampla, não podia deixar de conter um cerebro perfeito e completo; aquelle olhar sereno e tranquillo não pode denunciar outra cousa que não seja a bondade do seu generoso coração!

Porto.

Alvaro de Mello.



AS NOSSAS GRAVURAS

CASA BRANCA

PALACIO PRESIDENCIAL DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

Entre os mais notaveis edificios que a capital dos Estados Unidos da America do Norte possui tem lugar proeminente a Casa Branca.

Este edificio, que é a residencia do presidente da republica, é uma das mais antigas construcções que se fizeram n'aquella cidade porquanto quando se fundou Washington começou se por construir os edificios officiaes e administrativos.

A Casa Branca está rodeada pelas quatro secretarias dos negocios estrangeiros, fazenda, guerra e da marinha.

Esta ultima secção de serviços officiaes é aquella que mais importante se tem tornado, pois que, hoje reúne aos arsenaes de construcção naval, todas as officinas necessarias para tornar poderosa a marinha de uma nação.

Foi assim que em 1814 uma frota ingleza conseguiu desembarcar no bello porto de Chesapeake o qual serve a cidade, cinco mil homens que tomaram a cidade nascente queimando e destruindo os melhores edificios e entre elles a Casa Branca.

Essa destruição barbara, pois que os edificios eram de valor architectonico, stigmatizaram-na severamente os norte-americanos escrevendo num dos seus arruinados monumentos: a columna rostral que foi erigida em honra dos marinheiros americanos mortos n'um combate glorioso deante de Alger, as seguintes phrases attestadas na sua verdade pelos golpes dos sabres que esboroaram o marmote — *Mutilado pelos inglezes, em 1814.*

Foi depois de estabelecida a paz que se reconstruíram, e então com muito maior luxo, os principaes edificios arrazados e entre elles a Casa Branca como a nossa gravura representa.

TYPOS DE MULHERES DA COLOMBIA

A nossa gravura representa duas raparigas indigenas da antiga republica da America do sul, ao norte do Brazil e do Peru, a Colombia, a qual se estende desde o istmo do Panamá até ás boccas do Orenoque, entre o oceano Pacifico e o Atlantico.

As mulheres naturaes da Colombia e em especial as darias, como as do Panamá, são verdadei-

ros tipos de uma raça desenvolvida livremente n'aquellas regiões de terras ubérrimas e ainda não perfeitamente conhecidas.

A constituição política da república de Colombia data de 1811, época em que Bolívar a fundou, juntando o vice-reino de Nova Granada e as províncias hespanholas de Caracas e Venezuela.

Depois de uma lucta vigorosa, que se prolongou até 1823, assegurou-se a independência d'esta nação. Todavia a scisão e a discordia dividiu esta república em mais outras tres, hoje existentes: *Nova Granada, Equador e Venezuela.*

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

(Continuado do n.º 500)

A experiencia de poucos dias mostrara a Massena que devia perder as esperanças de levar á viva força um adversario, com o qual se tinha já medido em vão em terreno mais accessivel. Erguidas na sua frente, estavam as linhas de Lisboa; pela rectaguarda, as communicações com a fronteira hespanhola interceptadas; o exercito de Baccellar espalhado por todo o paiz; e qualquer posição á medida que o principe de Essling a ia abandonando, era immediatamente occupada pelas tropas regulares portuguezas!

Tres dias depois do marechal ter estabelecido hospitaes em Coimbra, o coronel Trant surpreheñda a cidade, e cahiam em seu poder 5:000 homens, entre doentes e feridos, juntamente com a companhia de marinha que os guardava, e, eram, acto continuo, todos levados para o Porto.

As canhoneiras inglezas sulcavam as aguas do Tejo. Entravam livremente mantimentos nos arraiaes dos alliados, os quaes tinham accesso desimpedido para o mar e relações francas e constantes com a capital.

Accudia gente de Lisboa, em bandos, a vêr as linhas, e vinha com tal confiança, que não podia haver peor agouro para as pretensões de Napoleão. Ia chegando o inverno; as doenças augmentavam de dia para dia; lavravam desintelligencias entre a officialidade; e, entre os soldados, o mais completo desalento. Demasiado sentia Massena que a sua posição era realmente desanimadora; pois, em taes casos, atacar era loucura — retirar, desdouro; permanecer, de todo impossivel.

Não obstante, em opposição a todo e qualquer preceito da arte bellica, o marechal teimava em se deixar ficar; e, pelo espaço de seis semanas, conseguiu manter um exercito de sessenta mil homens e vinte mil cavallos, em um paiz que não teria podido, durante uma semana unica, proporcionar sustento a uma brigada ingleza!

Um mez não era ainda decorrido, desde o ingresso de Wellington nas linhas, quando a indole da campanha veio a experimentar mudança; e, de parte a parte, foi abandonada a ideia de combater. Massena convencera-se de que as linhas de Torres nem podiam ser tomadas mediante um movimento de flanco, nem levadas de investida; e, pela sua parte, desistiu de tomar a offensiva. Bem sabia o generalissimo do exercito aliado que a acção da fome, embora mais lenta que a da espada, era, no presente caso, mais segura, e deixou-se ficar, tranquillo e socegado, em posição na qual se sentia inatacavel. Considerações de toda a especie, tanto pessoas como politicas, impelliam Massena a permanecer em frente do inimigo em quanto podesse; lavrava, porém, já a fome nos seus arraiaes, a despeito dos expedientes de toda a casta a que se soccorria para obter viveres.

N'este comenos encontravam curso, em Inglaterra, boatos da mais infame falsidade; o systema das rusgas era, pelos radicaes, atacado com a maxima violencia; valia-se a opposição de accintes dignos de Jack Falstaff de truanesca memoria. Espalhára-se que o exercito aliado estava sendo dizimado pela fome, emquanto que o principe de Essling, affirmavam certos oradores, dispunha de uma enorme extensão, *ainda por explorar*, do paiz, d'onde podia obter mantimentos. Diziam que os alliados, com a penuria na rectaguarda, e um inimigo muito superior em forças, na frente, eram apenas senhores do terreno que os soldados pisavam, e dos cabeços em que assentava a sua artilheria.

Era portanto, de esperar — diziam as gazetas — que Wellington nem por sombras pensasse em se deixar estar todo o inverno n'aquelles cômodos estêreis, quando poderia ainda embarcar, apenas com perdas diminutas; — e que, quanto mais depressa o fizesse melhor.

Ora, em opposição a tão facciosas asserções, e que, com tanta falta de escrupulo atropelavam a verdade dos factos, aqui fica o testemunho de um

precioso varão, que foi participante em taes scenas, — nada mais e nada menos que Lord Londonderry: — «Emquanto, das linhas a dentro,» (diz esta autoridade) todas as circumstancias eram reguladas afim de garantir a segurança e o bem estar da tropa, Lord Willington nem por isso descurava os commodos, o conchêgo, e até mesmo o luxo, do seu sequito. Abundavam mantimentos: vinho não faltava; e era tal a variedade das diversões e passatempos, que mais parecia estarmos veraneando no campo, em Inglaterra, do que no theatro da guerra. A officialidade das varias armas e de todas as patentes, desde o commandante em chefe até ao subalterno, participava mais ou menos dos prazeres da caça, das corridas e da pesca.

Não se tolhia ás praças de pret o gozo de eguaes regalias, sempre que o serviço o permittia: n'uma palavra, poucas vezes se terá visto um exercito, occupando terreno em frente do inimigo, gozar tal numero de horas de deloite, ou conciliar tão completamente os recreios do viver campestre com os graves negocios da guerra.

As vis calumnias propaladas em Inglaterra pelos adversarios politicos de Wellington, eram ainda aggravadas pelas contrariedades que experimentavamos em Portugal; e, emquanto o generalissimo proseguia firme em sua politica segura, embora morosa, tudo parecia ter-se conspirado para lhe tecer embaraços. Aqui, o ministro Luiz Pinto de Sousa, ajudado pelo patriarcha, fazia o que queria da regencia; e os fructos das intrigas, urdidas em commum pelo presidente e pelo cardeal, não tardaram em apparecer. Na tropa portugueza de linha, as deserções, em menos de nove mezes, representavam numero igual de milhares de homens; debandavam da ordenança companhias inteiras: a fome ameaçava Lisboa, atulhada de gente que, de todas as provincias do reino, viera fugindo aos francezes, e de prisioneiros, em censuravel accumulacão.

A fortificação das alturas de Almada, medida insistentemente reclamada pelos engenheiros inglezes, servia de pretexto para uma objurgatoria do patriarcha; e a influencia exercida por este prelado sobre a comunidade tão absolutamente dominada pela ignorancia e pelo beaterio supersticioso, era astuciosamente aproveitada no intuito de esterilisar quaesquer esforços do libertador, e para attrahir sobre o gabinete inglez desconfianças e calumnias.

De proposito e caso pensado insistiu na exposição do estado a que, n'aquella época, tinham chegado as coisas, com o duplo fim de mostrar, primeiro, o pouco que, em geral, os poderes publicos, em Inglaterra vem a saber com respeito a verdadeira situação e ás circumstancias reaes de qualquer dos nossos exercitos: — segundo: de provar com quanta perspicacia Wellington conseguiu desvendar os planos e calcular as subsequentes manobras do seu habil adversario. ¹

(Continúa)

Spectator.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 500)

PECCADOS VELHOS

IV

— Isso é tolice. Dás mais publicidade ao facto, e não lucras nada. O melhor, sabes o que é?... É retiraste-te, algum tempo, para uma aldeia dos arredores... Ou, não; escusas mesmo de sahir da cidade. Recommendas prudencia á sr.ª D. Henriqueta, eu venho cá vel-a, sempre que for necessario, e, assim que a creança nascer, mândal-a crear fóra, e ninguem sabe de nada. Se o noivo da tua irmã melhorar, cásal-os apenas elle chegue, e ainda podem ser felizes.

— Mas...

— Não ha razões sensatas, a oppôr. Pensa no que eu te disse, e não afflijas a pobre senhora, que, afinal tem uma certa desculpa. Eram noivos,

¹ Aqui transcrevo o suitor uma carta de Lord Wellington ao secretario inglez dos negocios da guerra, na qual o illustre general rebate, triumphante, os caluniosos argumentos de seus adversarios politicos, e justifica plenamente a marcha das suas operações militares na Peninsula. Com a sua habitual concisa e notavel perspicacia, Wellington interpreta os motivos que induziram Napoleão a insistir na invasão de Portugal.

Quittimos, por brevidade, tão extenso documento, visto elle ter sido mais de uma vez, publicado em lingua portugueza, e tambem, porque Maxwell, no andamento da narrativa, se refere a alguns dos seus pontos mais capitales e interessantes.

Nota do J.

tinham liberdade de noivos... Bem, adeus. Pensa e resolve. A'manhã cá venho.

Placido resolveu conforme os prudentes conselhos do medico, e as coisas passaram-se com o mais inviolado sigillo. A 12 de dezembro, nasceu a creança: uma aldeia de grandes seios abundantes, veio receber a, de noite, sob uma larga capa; e levando o pequeno para a sua aldeia, não se conformou com ter aquelle lindo menino «sem alminha christã» e fel-o baptisar sem auctorisação, pondo-lhe o nome de Estevam.

Henriqueta, gravemente enferma com o parto, esteve 8 dias entre a vida e a morte — «expiando a sua falta», conforme dizia o irmão. Já entrava em franca convalescença, quando a febre amarelha a colheu; e dois mezes depois do nascimento do filho, a infeliz creatura jazia sob a terra humida do cemiterio.

Este acontecimento impressionou vivamente Placido. Resolveu liquidar toda a sua casa commercial e retirar-se d'aquella terra, onde tão complicados infortunios o tinham ultimamente perseguido.

Tinha já elle recebido algumas cartas de Portugal, noticiando-lhe a prospera convalescença do seu socio, e um provavel regresso d'este, para os principios de maio. Placido, por unica resposta, mandou-lhe dizer que necessitava desligar-se do negocio, e que, portanto, encarregasse alguém de o representar, visto terem interesses communs. Nada lhe communicou da morte da irmã nem do nascimento do filho. — e quando o socio, não em maio, mas em outubro, regressou de novo ao Rio de Janeiro, com a irmã, só teve uma leve suspeita do que motivara o procedimento de Placido, ao saber da morte de Henriqueta. Contudo, não suspeitou a existencia do filho: pensou que seria bastante motivo para quebra da amizade de Placido, qualquer revelação que a irmã, moribunda, lhe fizesse, da sua honra sacrificada.

Este pae sem saber que o era, continuou no Brazil, sósinho, a fama commercial que incetara com Placido Pimenta. Ao fim de dois annos, casou com a filha unica de um rico negociante, que, para vingar decerto a desgraçada sorte de Henriqueta, o deixou viuvo na occasião de lhe dar á luz a primeira filha.

Placido regressou a Portugal com o filho de sua irmã, apenas a creança poude dispensar os cuidados da ama. Desgostoso, com febre de movimentar a sua vida, entregou o pequeno á irmã beata que lhe restava, fazendo-lhe antes inteiras revelações sobre a sua identidade. A beata rugiu, bramiu contra aquella irmã tão mimosamente crenda; e incumbiu um dos seus padres familiares, de rezar uma centena de missas por «aquella alma perdida». Placido dispôs os seus papeis, ordenou correntemente a sua vida, e incetou longas viagens pela Europa. Antes de partir, fez testamento, deixando universal herdeiro da sua fortuna e da parte que lhe coubera da irmã fallecida, ao pequeno Estevam, a quem chamava affectuosamente, seu filho adoptivo. A posse d'estes haveres, só seria dada ao pequeno quando elle completasse 25 annos; até essa idade, se a irmã beata fosse viva, estaria Estevam sob a sua tutela; e se não, deixava á mesma, o encargo de o confiar a uma pessoa capaz, junctamente com o segredo do seu nascimento e um pequeno rendimento que bastasse á sua alimentação. Os restantes rendimentos da herança, seriam accumulados ao capital depositado anticipadamente em uma casa idonea.

Estas ultimas disposições, que vieram a realisar se pela morte da velha irmã de Placido, augmentaram consideravelmente o peculio legado, que attingia uma somma superior a 300 contos fortes. A morte de Placido, que todos ignoravam mas que, agora, uma certidão de obito, encontrada entre os papeis legados pela velha Pimenta, authenticava, não abria ensejo a mais duvidas e o animo do rapaz, por muito preparado que estivesse para tão extraordinaria surpresa, teve um deslumbramento quando se viu, assim de repente, senhor de tão enorme somma.

Os papeis estavam espalhados pela mesa e, esmagados por aquella monstruosa revelação, nem Estevam, nem o José Elias, nem a sr.ª Domingas, tinham pronunciado uma só palavra. As physionomias haviam-se paralyzadas n'uma expressão de supremo pasmo. Afinal, foi o José Elias quem primeiro fallou, enfugando o suor que lhe alforrava a testa pallida, n'aquella fria manhã de dezembro:

— Trescentos contos, caramba!... Isso é dinheiro para comprar um reino! Quem o diria!

— Ai, Estevinho! — secundou a sr.ª Domingas. — Que figurão tu vaes ficar!

Estevam sorria, aparvoado. Aquelles pormenores do seu nascimento, episodios vivos de ro-

mance, que lhe pareciam quasi inverosímeis; a miragem de um futuro brilhante, entre pompas, viagens, e todos os illimitados gosos da Riqueza; baralhavam do seu cerebro um tropel de ideias confusas, que o abstrahia. Parecia-lhe assistir á *mise-en-scène* mirabolante de um sonho, e revolvia nervosamente a papellada que continha aquellas revelações, para que o contacto d'esses papeis lhe desse uma sensação bem nitida de realidade.

— Mas, a mim, o que me faz ainda mais móssa, — tornou o José Elias, — é tu seres filho da D. Henriqueta!

— E' o pae, o pae, afinal quem é? — interrompeu a sr.^a Domingas.

— Pois tu não ouviste aquellas memorias do sr. Placido?... E' o tal socio d'elle.

— Que é o socio, ouvi eu. Mas o nome d'elle?

— E' verdade, e o nome?... —

— Lá os papeis, não dizem nada, Estevinho.

O rapaz, que estava ainda absorto nas suas preocupações, pareceu despertar a esta interrogação:

— O quê?

José Elias foi em auxilio da consorte:

— Pergunta ella, se os papeis não dizem o nome do tal socio... de teu pae, afinal.

— Não, não vi... Só se fôr n'alguns d'estes. Estão aqui, ainda, dois envelopes fechados: pode ser... Vamos a ver.

Abriu o primeiro: era uma indicação minuciosa de todos os passos a dar, para entrar na posse da herança. Posto que este pormenor fosse precioso, Estevam teve um gesto de desconsolo quando viu que nenhum esclarecimento dava ácerca da identidade de seu pae. — Quem seria? Estaria ainda vivo? — Abriu o segundo envelope, e logo uma exclamação se lhe escapou dos labios. E' que, ao desdobrar um largo papel azul, os seus olhos poisaram n'uma declaração, assignada por Placido Pimenta, que começava assim:

«Declaro eu, abaixo assignado, Placido Pimenta, negociante que fui na praça do Rio de Janeiro, que o pae de meu sobrinho Estevam, é o negociante portuguez, meu ex-socio, Anastacio Soares Felgueiras...»

Ia a proseguir, quando uma exclamação do José Elias o interrompeu:

— Anastacio Felgueiras!... Ah, diz isso?! Era o brasileiro do Palmeirão!

Estevam encarou o velho, com um olhar esgazado:

O quê?... —

— Era o brasileiro do Palmeirão, que morreu! Anastacio Felgueiras? Não conheci eu outra coisa! De modo que tu... Espera lá... Tu vens a ser... Caramba! vens a ser irmão da menina, da D. Rosalia!

E' indescritivel o alvoroço que esta nova revelação causou n'aquellas tres creaturas: José Elias continuava a pormenorizar a vida do brasileiro do Palmeirão «que conhecera como as suas mãos»; a sr.^a Domingas benzia-se, attonita, esconjurando o bruxedo que via n'aquella serie de empvistos; e Estevam, atordoado, murmurava, n'uma melopeia de louco:

— Era minha irmã! era minha irmã!

(Continua)



Recebemos e agradecemos:

Portugal Velho, periodico illustrado, dirigido por Carlos Sertorio, Lisboa.

Temos recebido esta publicação, a qual já vae no seu n.^o 15. E' bem redigida e variada nas suas secções publicando artigos de interesse.



TYPOS DE MULHERES DA COLOMBIA

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, n.^o 1 e 2.

Dirigido e collaborado selectamente esta revista, apresenta-se como um modelo no seu genero. Os questionarios do primeiro são realmente bem feitos. Na *correspondencia* do n.^o 2 encontra-se um alvitre ácerca de uma lapide antiga da rua do Salvador. Ha muito tempo que o Occidente tem para publicar uma graciosa monographia referente a ella e que acompanhará com uma copia da inscripção.

Le Monde Moderne. — Recebemos os numeros relativos a maio e junho de 1895, que se apresenta muito curioso: a collaboração tanto artistica como litteraria e scientifica é aprimorada.

N'estes numeros vem uma noticia detalhada, enriquecida de phototypias sobre o Breviario Grimani o mais notavel dos manuscritos illuminados da bibliotheca do Vaticano o qual é abra do

seculo xv e attribuido a artistas flamengos. Quantas preciosidades possuímos nós que bem mereciam uma semelhante descripção.

O Elvense, numero brinde aos senhores assignantes em 1894.

Gracioso volumezinho de mais de duzentas paginas, encerrando as seguintes composições todas imeditas e de valor litterario.

A *Rosa de Bankavali*, conto baseado n'uma lenda indiana, agrada porque é erudito e porque nos fala de uma litteratura cheia de encantos e de mysterio e que o sr. A. A. Martins Velho compoz deliciosamente.

A *caminho da cegonha*, é uma chronica de aldeia, que, para quem conhece o Alentejo, se mostra cheia de verdade, de colorido, ora rude ora graciosa, delicadamente escripto pelo sr. José da Silva Picão.

O *Padrão*, é uma tradição elvense, contada com rara pericia, cõr historica muito propria e transluzindo a vida d'aquella cidade na idade media, elegante trabalho do sr. A. Alves de Macedo.

Completam o bello livrinho varias poesias e contos dos srs. Augusto Massano, uma comedia de veras bem entretida; A. Thomaz Pires, Eduardo Pimenta, D. Albertina Paraizo, Capdeville, Pampcu Mirabeau, Soeiro de Brito, Pedro Calhancas.

O Instituto, revista scientifica, e litteraria. N.^o de fevereiro e de março de 1895. Coimbra, na imprensa da Universidade.

— Com o primeiro numero começa esta revista o seu XLII volume o que é uma verdadeira gloria para aquelle instituto porque n'ella se photographado a sua existencia, em todas as manifestações da sciencia e da arte. Este numero apresenta-se muito variado e curioso. São importantes os artigos notavelmente valiosos. Traz secções novas e assim a conceituada revista tende a tornar-se mais geralmente apreciada.

O segundo d'estes numeros abre com o relatório que o sr. Eugenio de Castro apresentou justificando a candidatura de João de Deus. Tem uma redacção digna de ambos — candidato e relator.

As conferencias sobre o *exame das aguas potaveis* é um trabalho consciencioso do sr. A. J. Ferreira da Silva. Os mais artigos são todos á altura da conceituada revista. Temos presente tambem os numeros de abril e maio igualmente importantes.

Arte Portugueza. — Com uma collaboração mais determinada; e uma orientação mais definida, este numero da bella revista portugueza merece o apreço que desperta.

Abre o numero que temos presente, relativo a fevereiro, com um artigo do sr. Gabriel Pereira, intitulado *Esthetica Portugueza* e outros firmados por escriptores conhecidos.

Pela selecção dos assumptos, pela ordem que lhes dá, torna-se a *Arte portugueza* uma publicação importantissima. E igualmente o numero relativo a Março.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches. Rua Nova do Loureiro, 25 a 37